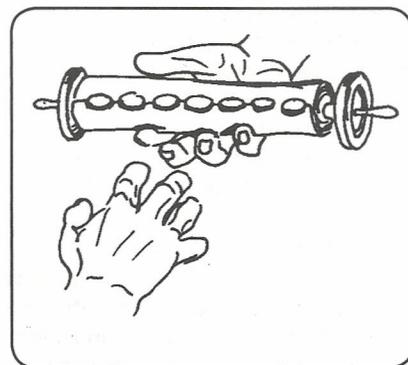


28.

APOCALIPSE DE JOÃO



1. INTRODUÇÃO

Com o Apocalipse, encerramos esta série de estudos evangélicos.

Existem várias interpretações do Apocalipse segundo as mais variadas correntes filosóficas.

Neste trabalho, selecionamos dois resumos, um de autoria do Sr. Nelson Lobo de Barros e outro de Edgard Armond.

Os estudiosos do assunto ou aqueles que tencionam empreender estudo mais profundo poderão utilizar este trabalho como chave para sua interpretação.

A palavra grega **Apokalypsis**, que significa descerrar o véu, revelar coisas até então ocultas, representa a Revelação que o Mestre, devidamente autorizado pelo Pai, enviou-nos por intermédio da magnífica mediunidade do apóstolo João.

Houve diversos Apocalipses, entre eles o de Pedro, que teve grande relevância e foi notavelmente apreciado e citado por Clemente de Alexandria, Santo Epifânio e outros.

O Apocalipse encontrado na Bíblia foi escrito pelo Apóstolo João na ilha de Pátmos, no mar Jônico, onde se encontrava exilado pelo governo romano.

João, em desdobramento, viu no mundo espiritual quadros mostrados por Jesus e que o impressionaram profundamente, de forma a lhe permitirem compor trabalho de divulgação do que sucederia nos dias finais deste ciclo.

Muitos acontecimentos constantes do Apocalipse já ocorreram no passado, enquanto outros sucedem em nossos dias e outros verificar-se-ão proximamente.

2. O APOCALIPSE DE JOÃO

Nelson Lobo de Barros

Logo no primeiro capítulo, o insigne clarividente de Pátmos oferece-nos a

chave e ensina-nos a senha para a compreensão desse livro. É mensagem em que se utiliza amplamente da simbologia, conforme João nos informa nesse capítulo inicial e posteriormente confirma no capítulo 17, apresentando-nos a decifração das imagens por ele usadas. Os números que também aí se apresentam constantemente devem ser interpretados dentro da numerologia, na conceituação de Pitágoras, o sábio grego iniciado nas escolas da Índia.

Como seu próprio título o indica, a Revelação foi escrita em grego e dirige-se às sete igrejas da Ásia. Sete representa número exato, adequado, necessário, divino, pois é a soma de quatro e três, e tudo quanto existe de visível e tangível em nosso mundo de relação situa-se dentro dos sistemas ternário e quaternário. E endereça-se às "sete igrejas que estão na Ásia", porque foi exatamente no Oriente que nasceram os principais caminhos religiosos do mundo e as filosofias espiritualistas fundamentais.

Após a descrição simbólica de Jesus, João destaca que os "sete castiçais de ouro", objetos que difundem luz, construídos de metal nobre, incorruptível, bem como as "sete estrelas" representam os mensageiros divinos e as diversas religiões existentes no planeta. Assim, a revelação destina-se a todos os caminhos filosóficos e religiosos do mundo, porque a expressão "igreja" significa a reunião de criaturas que sentem pela mesma faixa de sintonia, que se afinam pela mesma forma de pensamento, que se irmanam pelos mesmos objetivos e ideais, como nos confirma Paulo na Epístola a Filêmon, em que alude "à igreja que está em tua casa", ou seja, à residência de Filêmon.

Os capítulos 2 e 3 constituem-se em Epístolas a todas as religiões do mundo. Aí não se mencionam igrejas destacadas e importantes, que mereceram a honra de receber cartas de Paulo, como a dos Coríntios, Gálatas, Filipenses, Colossenses ou Tessalonicenses, enquanto algumas, quase desconhecidas, como a de Filadélfia, aí se encontram, o que confirma tratar-se de igrejas simbólicas.

Éfeso é expressão grega que significa "desejável"; Smirna provém da palavra grega "myrrha", ou seja, perfume; Pérgamo exprime "elevação"; Tiatira significa "sacrifício de contrição"; Sardo quer dizer "cântico de alegria"; Filadélfia, "amor fraternal"; e, finalmente, Laodiceia é formada por duas palavras gregas significando "povo de juízo". Nestas condições, as cartas são endereçadas a religiões que são "desejáveis", "perfumadas", "que elevam", que solicitam "sacrifício de contrição", que são "cânticos de alegria", "amor fraternal" ou que reúnem "povo de juízo", portanto, todos os caminhos religiosos ensinam o bem e o amor aos seus seguidores. Mas observamos que em quase todas elas, com exceção de apenas duas, o Mestre aponta deslizos, humanização do espiritual, concitando-as a que retornem ao plano transcendente, acima dos interesses mediatos ou imediatos do mundo.

No capítulo 4, o Apóstolo descreve o trono de Deus, comparando-o com os terrenos, para melhor facilidade de nossa compreensão. Em volta do trono, querubins, serafins e anjos colaborando com o Pai, em descrição estática. Já no capítulo seguinte, a descrição é dinâmica, e o Criador entrega ao Mestre "um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos", que representa o Apocalipse.

No capítulo 6, João resume em esplêndida síntese, a abertura de seis selos, informando-nos que quatro cavalos, quatro grandes forças estão agindo no mundo de forma concomitante, simultânea e atual: a força do Evangelho, vencedora, juntamente com a força das guerras, do frio mercantilismo, e a da fome, peste e feras da terra. É solicitado daqueles que já venceram sua própria imperfeição que aguardem o “tempo” para completa separação de bons e maus, informando o sexto selo do grande terremoto que mudará a paisagem geográfica do mundo.

No capítulo 7, o evangelista adianta-nos que das doze tribos de Israel, ou seja, os integrantes desta Humanidade, duas delas seriam excluídas para o Terceiro Milênio: a de Dã e a de Efraim, substituídas pelas de José e de Levi, não havendo povo privilegiado, religião eleita, pois todas as tribos têm o mesmo número de assinalados de ascensão espiritual. E os vencedores de si mesmos, que se reformaram interiormente, substituindo instintos e vícios por virtudes e sentimentos estarão amparados pelo Mestre, e não mais terão necessidade de dor ou de sofrimento para resgate ou aprendizado de seus Espíritos.

A abertura do sétimo selo desdobra-se ao toque de trombetas, com o destaque repetido de uma terça parte. E a terça parte de árvores e de erva verde que é queimada, torna-se em sangue a terça parte do mar, perdendo-se a terça parte das naus, morrendo a terça parte das criaturas humanas, uma terça parte das águas torna-se imprestável, e é alterada a terça parte do sol, da lua e das estrelas. Refere-se à elevação em 23 graus e 30 minutos do eixo da terra, provocando maremotos, terremotos e consequentes modificações geográficas na distribuição de oceanos e continentes, Isaías, Ezequiel e Daniel já se haviam referido a isso. Hermes Trimegisto, o insigne instrutor egípcio, já havia mencionado anteriormente a modificação do eixo. O fato também foi assinalado por Nostradamus. Ramatís, modernamente, confirma esse evento, e os dois maiores médiuns, contemporâneos dos Estados Unidos, Edgard Cayce e Arthur Ford, ratificam a alteração do eixo, com submersão da Califórnia, reaparecimento da Atlântida etc. Am-



bos esses médiuns sacudiram a nação americana com suas mediunidades seguras, exatas e fartamente comprovadas. Será a repetição, em nível mais agudo, do que já ocorreu no pretérito, com o dilúvio anunciado pelo rei iniciado Noé e que é mencionado em todas as religiões do mundo.

No capítulo 9, o aparecimento de um astro novo, talvez esse novo sol a que se refere Nostradamus, astro ígneo, ensaja o recrudescer dos instintos. E João descreve-nos o panorama social da terra, com o reencarne de entidades agnósticas, materializadas, que possuem um rei, o anjo do abismo, Apolion, que significa destruidor.

Serão desamarrados os quatro anjos das trevas, que promoverão guerras fratricidas, através das quais uma terça parte da humanidade desencarnará.

Como Salomão já nos informara, tudo tem seu “tempo”. Mas, no capítulo 10, Jesus nos adianta “que não haveria mais tempo”, isto é, o “tempo” das separações entre bons e maus, o “tempo” dos exames entre acordados e adormecidos, pois a terra será promovida a nível mais alto e seus futuros habitantes não serão portadores de carmas onerosos, exigindo vidas dolorosas de sofrimentos para resgate de suas dívidas.

O Mestre entrega a João o livrinho que é esta Revelação, no capítulo 10, já aberto, informando-o que o comesse, ou seja, que tomasse conhecimento de seu conteúdo, que as notícias eram alvissareiras — um plano que se eleva, um mundo que progride — mas a forma de se processar essa ascensão e o expurgo dos sem Deus representariam dores e amarguras.

O capítulo 11 esclarece-nos que as doutrinas religiosas representadas aí pelo Velho e Novo Testamento, continuarão a ser pregadas até que seu “tempo” termine. Depois, durante 3 anos e meio (42 meses, 1260 dias, “tempos, tempo e metade de um tempo”), o mundo através de seus dirigentes, ficará proibido de seguir qualquer caminho espiritual, serão proibidas as religiões e negada a existência de Deus. Esgotado esse “tempo”, o movimento do eixo da terra ensejará desencarnes em massa.

No capítulo 12, João refere-se àquela reduzida parte da humanidade, pequena percentagem que se esforça por seguir os ensinamentos do Mestre, mostrando a perseguição constante e tenaz das forças do mal, concitando à exemplificação do próprio Jesus, que desde seu nascimento até a morte no Gólgota foi objeto de ciladas, ardis, traições e vitupérios. Mas o magnífico clarividente incentiva essa pequena parcela da humanidade já espiritualizada, já evangelizada, a prosseguir, pois o Bem é mais forte que o Mal.

Na simbologia da besta, no capítulo 13, João nos avisa que o que irá caracterizar este fim de ciclo será o instinto bestial, envolvendo a mente invigilante de grande maioria das criaturas do planeta. E para que não houvesse dúvidas, são apresentadas duas bestas: uma que sobe do mar e outra que sobe da terra, destacando que será uma humanidade que se afundará na lama dos instintos, que chafurdará na vivência dos sentidos em todas as latitudes e meridianos.

E assim como na conceituação pitagórica o nove representa o homem espiritualizado, pois é um círculo que se mantém em ascensão, o número seis é um círculo que desce, um homem em decadência, ou seja, materializado, vivendo pelos sentidos, pelos instintos primitivos. E o 666 significa a humanidade agnóstica, descrente, ignorante em sua extensão máxima, em seu perigo absoluto, pois é o seis três vezes, isto é, o máximo possível de descontrolo espiritual.

O capítulo 14 apresenta o Mestre e os escolhidos, isto é, aqueles que, pelo próprio esforço, dentro de todas as religiões, transformaram seus vícios em virtudes, seus instintos em sentimentos, em meio à musicalidade ambiente, cantando a melodia do Amor. É destacada a força imperecível do Evangelho, pois nossas obras, boas ou más, nos acompanham, e, uma vez que Babilônia, símbolo de confusão trevosa desta humanidade dos “sem Deus” já caiu, é processado o expurgo para fora da Terra daqueles que fizeram de sua própria existência a satisfação de seus instintos, de seus vícios e de seu materialismo egocêntrico.

João, no capítulo 15, descreve-nos os preparativos do Plano Espiritual para as modificações anunciadas. Mas o que ele, neste introito ao capítulo subsequente, destacando-lhe a importância, deseja salientar é que, iniciada a “operação elevação da terra” não mais poderá haver intercessões de Mentores, pedidos de Mensageiros. Quem estiver aqui permanecerá aqui. Quem se encontrar ali, continuará ali. Não mais poderá haver modificações.

O capítulo 16 desdobra-se em taças derramadas sobre a terra. A primeira indica que o desequilíbrio espiritual das criaturas materialistas, sua desarmonia íntima, provocará doenças malélicas físicas incuráveis pela ciência médica.

Em seguida, cinco versículos são dedicados às águas. A Segunda taça é derramada sobre o mar, a terceira sobre os rios e fontes, que se transformam em sangue, morrendo todas as criaturas encarnadas que aí se encontram. Os oceanos invadirão continentes, submergindo cidades e campos.

Aliás, essas modificações no eixo, por ora muito lentas e mínimas, constituem avisos que são logo esquecidos. Mas quase todos os anos

os acontecimentos se repetem: é Valdivia, no Chile, desaparecendo sob maremoto; é Agadir, a pérola do Mediterrâneo, destruída por terremoto; é o rio Arno, em Florença, na Itália, saltando de seu leito e inundando casas, animais, plantações e criaturas humanas; é o Paquistão, naquela dolorosa catástrofe; é Manágua, vítima de terremoto; é, recentemente, Tubarão, em Santa Catarina, que sofre a violência das águas. Os fatos se repetem, se renovam, esclarecendo e confirmando.

Um calor abrasador, como menciona Isaías e Nostradamus, será o efeito da Quarta taça vertida sobre o sol. A quinta taça é despejada sobre o instinto bestial, ensejando civilização de trevas espirituais, onde todos sofrem e ninguém se entende.

Em seguida, João anuncia, através da Sexta taça, as guerras terríveis que ainda presenciaremos até o fim do século. Durante a última dessas guerras, um terremoto como nunca foi sentido até hoje, submergirá exércitos e continentes, informando-nos que no próximo milênio o mundo terá apenas três continentes em vez dos cinco atuais. E uma saraivada de pedras pesando 25 a 40 quilos será despejada sobre a terra, arrasando cidades e campos, criaturas e animais.

Assim como anteriormente ele descrevera a humanidade espiritualizada, no capítulo 17 ele traça paralelo entre ambas, descrevendo o que ocorrerá com a grande maioria das criaturas que ainda não atenderam aos milenares chamamentos espirituais.

Essa humanidade agnóstica tem por base o instinto bestial, adornada com as coisas luxuosas do mundo, trazendo na mão o cálice que representa os atos de sua vida: abominações e imundície. E dez nações, que na hora devida serão dirigidas por elementos bestiais, proibirão qualquer religião no mundo e qualquer pensamento espiritual, combatendo a ideia de Deus, de Jesus e da vida espiritual. E o próprio instinto bestial de que estará impregnada essa maioria promoverá sua auto-destruição, queimando a civilização no fogo do sofrimento.

No capítulo 18, João transmite uma palavra de incentivo às criaturas que procuram seguir a Jesus para perseverarem com bom ânimo, não obstante o egoísmo, a maldade e a frieza dos que ainda não acordaram para as verdades espirituais.

Informa-nos, ainda, que essa civilização agnóstica será sepultada sob as águas, pois não haverá mais comércio das coisas apetecíveis do mundo, “nem voz de harpista, nem luz de candeia, nem voz de esposo e de esposa”.

O capítulo 19 ocorre no plano espiritual, mostrando-nos a alegria daquela pequenina parte da humanidade que tiver perseverado na observância das lições do Mestre, a profunda justiça de seu julgamento, apresentando novamente o cavalo branco – a força do Evangelho – cavalgado por Jesus, acompanhado dos luminares espirituais.

Trava-se a luta milenar entre o Bem e o Mal, entre a Luz e as Trevas, as dez nações sob o domínio do instinto bestial combatendo contra o Mestre. Mas o instinto bestial e o falso profeta, aquele que transforma religião em indústria e comércio serão transferidos para planeta inferior, ígneo, incandescente, talvez esse a que se referiu Isaías, Nostradamus e modernamente Ramatis.

O capítulo 20 informa-nos o controle e a vigilância do Plano Espiritual sobre as forças da ignorância, o julgamento dos redimidos pelo Velho Testamento, e, em seguida, o aviso de que Satanás, simbolizando as trevas, o mal, está solto, procurando aproveitar o “tempo” restrito de que ainda dispõe, findo o qual também será, como já o foram o instinto bestial e o falso profeta, projetado para outro plano, para outra escola mais atrasada.

Em seguida, processa-se o julgamento: a cada um segundo suas obras, confirmando que nós é que construímos nossos próprios destinos, que caminhamos sobre nossos próprios passos passados, que tecemos, com nosso esforço e perseverança, a túnica nupcial. O Alto apenas sanciona, homologa nossas decisões, respeitando nosso livre-arbítrio. A sementeira é livre, mas a colheita obrigatória. Somos livres mas responsáveis. E processa-se o julgamento, dentro do convite do Mestre, contido no Novo Testamento.

O capítulo 21 apresenta a nova terra, com seus três novos continentes, com sua humanidade já espiritualizada, sem mais necessidade de vidas dolorosas e resgatar carmas pesados, pois “não haverá mais

morte, nem pranto, nem clamor, nem dor”.

Em seguida faz-se a descrição da nova terra em todo o seu esplendor espiritual, sem templos de pedra, pois Deus habita o íntimo de cada coração que age como uma igreja viva do Evangelho. O clima espiritual dessa humanidade será de perfeita harmonia e paz, em que se regerá o reencarne de Espíritos destinados a prosseguirem sua evolução nesse plano, excluídos os que possuem

contaminar sua pureza ou “cometer abominação e mentira”.

O capítulo final do Apocalipse vincula o primeiro livro do Velho Testamento — o Gênese — em seus capítulos 2 e 3, em que se descreve o Éden, a árvore da vida e a um rio mencionado no último capítulo do último livro do Novo Testamento, indicando que o Paraíso perdido por Adão e Eva, simbolizando o Homem e a Mulher, será reencontrado no Terceiro Milênio, na nova Terra, onde teremos simboli-

camente um “rio puro da água da vida” e também, uma “árvore da vida”.

Será uma civilização espiritualizada, vivendo como instrumentos conscientes do Plano Superior, plenos de serenidade e equilíbrio.

Estimula-nos a prosseguir distribuindo o bem, porque está próximo o “tempo” em que Jesus será o Pastor Único de nossas almas, o Mestre incomparável de nossos Espíritos, numa civilização de paz, harmonia e felicidade.

29.

CONTINUAÇÃO DO APOCALIPSE DE JOÃO

Edgard Armond

No Apocalipse, tudo tem significação cósmica e deve ser considerado em caráter geral, global. Tudo foi gravado na consciência etérica de João e depois transferido para sua memória física. João, não sabendo transmitir o que viu em perfeita realidade, descreveu como pôde, comparando com o que conhecia, mas o sentido oculto foi respeitado e os símbolos e alegorias descritos tal como os viu. Assim, quando menciona mar de sangue, significa guerra, matança, catástrofes.

O Apocalipse apresenta figuras, símbolos e alegorias semelhantes aos utilizados antes pelos hindus, persas, sírios, egípcios, árabes e caldeus, porque a verdade não se altera, isto é, os significados eram os mesmos para cada um daqueles povos, porém os que João usou referem-se exclusivamente aos atuais fins de tempo evolutivo. O que foi narrado, entretanto, não tem data certa, mas sim período, instante, momento cósmico, porque espaço e tempo não existem no mundo espiritual. Momento cósmico pode ser 100/200 anos.

No capítulo 1:2-3, João relata o que o próprio Jesus já profetizara sobre os fins dos tempos. Nova Jerusalém ou Cidade Santa é alusão à Terra Renovada do Terceiro Milênio, na qual não estarão Espíritos atrasados, pois que, no expurgo, ficarão para trás. Ao que consta, de uma população espiritual estimada em 24 bilhões, somente um terço, isto é, oito bilhões serão admitidos no Planeta Renovado, de amor e redenção.

No capítulo 21:1, onde diz “uma nova Terra e um novo céu porque os primeiros se foram e o mar já não é”, refere-se ao novo aspecto do céu após a verticalização do eixo da Terra, ainda neste século. Por ocasião dos cataclismos que submergiram a Atlântida, o eixo da Terra caiu para a direita alguns graus. Espera-se que, com a movimentação deste final dos tempos, o eixo retorne à vertical resultando em degelo dos pólos e equalização das estações.

Como consequência, teremos ainda no planisfério a mudança de posições das constelações, bem como alterações nos mares e nos continentes. As mudanças maiores terão lugar nas vésperas do período de transição.



A vida no próximo milênio será a da Sexta Raça e se caracterizará pela feição evangélica cristã. Os homens se irmanarão em todas as atividades, com desprendimento de bens perecíveis e exclusivos, em governo socialista cristão. A luz do Cristo Planetário afastará as trevas, fazendo reinar inalterável claridade nas almas.

O trabalho será de todos para todos, com justiça em sua distribuição, tal como ocorre nos astros evoluídos, havendo tempo destinado ao labor, ao estudo, ao culto, ao repouso, às distrações sem competições, e os Espíritos receberão da árvore da vida (símbolo de eterna fonte geradora) o alimento e os recursos necessários ao aperfeiçoamento que leva aos reinos angélicos (1º céu, dos guardiães).

Todos os que forem localizados à direita do Cristo, no selecionamento a ser feito, serão inscritos no Livro do Cordeiro e poderão entrar na Nova Jerusalém pela porta das reencarnações oficiais (normais e forçadas), para que haja uma só raça, um só rebanho e um só Pastor.

Mas antes desse selecionamento haverá oportunidade para todos, bons e maus, a fim de que os justos se

justifiquem ainda, os sujos se sujeem ainda e os santos se santifiquem ainda, isto é, para que tudo se defina de vez.

A simbologia do Apocalipse parece discordante, mas apenas se repete: quando João fala de glória espiritual, emprega os termos coroas, lâmpadas, estrelas, fachos, relâmpagos, claridades deslumbrantes, porque esse era o sistema oriental de fixar as imagens na mente. Quando fala de sete estrelas, sete sois, sete selos etc., refere-se à tradição da criação divina no ritmo septenário; quando emprega o número 12, respeita as características nacionais dos hebreus: as 12 tribos, os 12 filhos de Jacó, os 12 meses do ano, os 12 apóstolos e outras como os 12 signos do Zodíaco, dentro dos quais o sol se movimenta etc.

Quando fala de dias, quer dizer milênios e de horas, quer dizer séculos.

As potestades, anjos, arcanjos, querubins e serafins abrem os sete selos, que representam os períodos siderais referentes a este fim de tempos. Os seis primeiros selos representam os acontecimentos da época de Jesus até 1950 e o último os acontecimentos dessa data até o fim do período de transição, já na Terra Nova.

No capítulo 8:1 — Quando o primeiro anjo abriu o sétimo selo, fez-se silêncio de meia hora (meio século), durante o qual as coisas finais acontecerão.

No capítulo 8:2,5 — Refere-se aos acontecimentos do último período (último selo); sete anjos foram soprando sucessivamente suas trombetas e os acontecimentos foram-se desenrolando.

Pelo primeiro anjo foi lançado fogo sobre a Terra, chuva de pedras e sangue, e a Terra foi abrasada, houve terremotos etc., e um terço da vegetação e do arvoredo foi queimado e o mar se transformou em sangue (cataclismos e guerras em terra, no ar e no mar).

Os seis selos anteriores referem-se aos acontecimentos religiosos ocorrentes no planeta: cultos primitivos, bramanismo, budismo, cristianismo, espiritismo, etc.

O Apocalipse foi escrito de forma peculiar para que pudesse atravessar intacto todos esses séculos até nossos dias, a fim de servir de mensagem



a todas as igrejas do momento. Suas descrições estão sendo confirmadas pela história.

Mais uma vez se comprova que os escritos do Apocalipse se destinam aos tempos presentes.

O termo **Besta** foi empregado para designar o instinto animal irresponsável. No Apocalipse de João, significa o reinado desenfreado das paixões inferiores e dos sentidos físicos sob o comando pervertido dominado pelos impulsos do instinto animal, periodicamente revigorado pelos altos e baixos da vida coletiva (civilizações).

Nos dias deste período final do globo, o descontrole se apóia também nas conquistas da ciência materialista que impressionam as almas fracas e na desorientação proveniente do desmoronamento das religiões de bases falsas, como ainda na revolta humana contra as desigualdades das condições sociais de vida (excesso de população, contenções, comunicação etc.). Daí surgiu o apelo ao militarismo como fonte de disciplina e de organização.

A Besta, em seu reinado, alimenta-se de tudo quanto produz no mundo: tristeza, revolta, corrupção, crimes, guerras, fome e mortes coletivas. Ela visa a desmoralização da humanidade, seu desgoverno, devassidão coletiva, predominância do instinto animal, do sexualismo desenfreado e brutal. Objetiva ainda o insucesso de tudo quanto as civilizações constroem no campo da ordem, da disciplina social e da moral pública. Busca a extinção dos laços familiares e sociais, das forças militares e policiais,

para finalmente estabelecer o pânico universal e o caos geral, com a morte ameaçando dia a dia e de hora em hora a humanidade inteira, gerando insegurança.

Esta é a ação da Besta do Apocalipse que se desenvolverá neste fim de tempo, agindo favorecida pelas enormes brechas abertas na cidadela terrena pela inferioridade dos homens, seu afastamento de Deus, sua invigilância religiosa e seu retardamento evolutivo.

Na vida dos homens, a Besta representa, pois, as forças negativas do mal, que encontram campo aberto para sua dominação.

Por isso, todos os símbolos de dragão, serpente, etc., referem-se aos instintos animais que a esta altura já deveriam ter sido superados pelos homens.

As cores vermelha e escarlate referem-se às forças da vida física animal centralizada no sangue, que é a linfa da vida animal. Nestes dias finais, não só a linfa do corpo físico como a do perispírito serão contaminadas. Isto quer dizer que o próprio Espírito poderá ser dominado pelos instintos da animalidade inferior. **Serão dominados todos os que amarem a vida até o fim, até os limites máximos do que ela poderá dar de gozos e prazeres sensuais. Somente aqueles que se filiarem às hostes do Cordeiro, provando que amam também a vida após a morte, a vida do Espírito, se salvarão.**

A Besta é a explosão incontida da animalidade e prova a necessidade de selecionamento para abertura de nova possibilidade de recuperação

futura, fora da Terra, com as experiências e sofrimentos que os expurgos receberão.

Tudo que é ruim no mundo pertence à Besta, adora-a e é seu agente, inclusive os sacerdotes das religiões convencionais que não tenham base nas religiões espirituais.

O único poder capaz de derrotar a Besta é o do Cristo Planetário, porque tanto a ciência como as religiões não o conseguiram e é por isso que o Espiritismo veio como agente do Cristo para evangelizar o mundo, ajudando o trabalho insano dos mensageiros do Divino Pastor.

Vimos como a Besta, representada também pelo símbolo numérico 666, visa o desregramento de toda a humanidade e atua primeiramente no campo do sensualismo.

O psiquismo bestial tem seus comandos no plano astral inferior e utiliza especializados agentes seus, encarnados em grande número e que vão multiplicar-se agora enormemente, porquanto as legiões malignas, segregadas há longo tempo nas regiões tenebrosas, estão sendo soltas e reencarnando em grande número, inclusive os que, desterrados de outros orbes, sempre desejaram governar a Terra.

Apesar de apenas iniciado o fim dos tempos, já se podem ver as ondas de corrupção, de anarquia, de desorientação e de sexualismo varrer a Terra de extremo a extremo.

A Besta, que foi abatida gravemente em virtude da vinda do Cristo com seu amor, seu sacrifício e roteiro que legou de vida reta e santa que é o Evangelho, já voltou a dominar por culpa dos homens insensatos.

Ainda que as hostes do Cordeiro se unam e se multipliquem, se instruem e se evangelizem, ficarão sujeitas à derrota se não merecerem o auxílio dos poderes celestes, corporificados no Cristo, único poder real capaz de vencer a batalha contra as trevas.

Outra figura simbólica representativa do mal é satã que, no entanto, não passa de um mito, mas, nos mundos inferiores como o nosso, tem grande fama porque se alimenta, como a Besta, das imperfeições humanas.

Mas quando a luz do Cristo, centelha divina a brilhar dentro de nós, conseguir sobrepor-se à dominação

material, a lenda de Satã desaparecerá para sempre.

A crença de que Satã é o anjo Lúcifer expulso do céu por rebeldia contra Deus não tem base sólida porque as **quedas** de almas foram duas: a primeira suposta queda, chamada original, foi a **descida** das centelhas dos mundos divinos para os mundos materiais; e a segunda, quando legiões de almas foram expulsas de outros orbes por incompatibilidade moral. Essas almas, não conseguindo dominar o mundo até hoje, lutam por esse objetivo como legiões satânicas, porém, se não se modificarem nestes últimos dias do ciclo, serão novamente expurgadas, juntamente com as da própria Terra. Não confundir pois **queda** com **descida**.

Há grande verdade expressa no Apocalipse quando João, referindo-se a rebeldias de Espíritos precipitados para orbes inferiores, diz: "pelo poder do seu Cristo", deixando ver que cada orbe tem seu Cristo, seu Espírito Planetário.

As massas humanas malignas infestam as trevas, o umbral e a crosta, misturam-se com os encarnados em enorme maioria e, no próximo expurgo, dois terços, aproximadamente, serão descartados, limpando-se definitivamente o planeta desse

refugio humano, como já dissemos anteriormente.

Esses Espíritos estão sendo soltos em massa das prisões em que se encontravam há milênio e meio para que sejam agraciados com nova oportunidade e em seguida julgados, porque devem ser julgados "os vivos e os mortos".

Eles saturarão a humanidade da Terra nestes últimos dias, voltando aos costumes corruptos da Lemúria, da Atlântida, da Babilônia, da Roma Imperial e de outros centros de devassidão da Antiguidade.

Os feiticeiros africanos, os inquisidores do Santo Ofício, os chacinadores de povos conquistados, os comerciantes e industriais que exploram a miséria humana, os armamentistas, os políticos desalmados, enfim toda a escumalha moral da humanidade será descartada, conquanto muitos possam salvar-se no selecionamento, tocados à última hora pelas luzes do amor cristão espalhadas pelos discípulos humildes do Cordeiro, sobretudo espíritas.

Sacrifício para ajudar a salvação do maior número, eis o único caminho de ascensão para a angelitude, porque a renúncia de si mesmo é alto índice de evolução espiritual.

Para os Espíritas, nos dias atuais, este é o maior dever, depois da devida preparação.

